

A Saudação

Aron Hussid Ferreira

A sala de reuniões ficava no nível mais profundo do complexo. A decifradora chegou atrasada, já perdera a conta de qual reunião era aquela dentre tantas realizadas naqueles cinco dias. Sobre a mesa comprida, o comandante projetava a mesma imagem da véspera: o objeto suspenso por cabos no hangar dois, observado por todos os ângulos possíveis.

Ele era desconfortavelmente pequeno pelo que significava. Esse detalhe incomodava muito qualquer um que estava ali. Sua estrutura pesava menos de uma tonelada, tinha uma antena parabólica, além de hastes finas saindo do corpo central, ainda cobertas pela poeira cósmica. Sua fonte de energia era um bloco de óxido de plutônio, ainda morno, como mostrado pela câmera no espectro infravermelho. A meia-vida do isótopo já tinha sido analisada, e indicava que o objeto havia sido lançado fazia pouco mais de dois séculos.

Mas esse objeto não tinha sido encontrado por acaso. Ele fora esperado com muita curiosidade e paciência por todos os presentes.

O sistema de origem constava no catálogo de vigilância fazia gerações, classificado como uma “fonte ruidosa”. Era um mundo que espalhava ondas de rádio em todas as direções, sem criptografia, sem qualquer pudor, um vazamento que crescia década após década como uma infecção acompanhada pelo espectro emitido. A nave-sentinelas mantinha posição na borda externa do sistema, além de um cinturão de pequenos corpos gelados, resquícios da formação dos planetas que orbitavam aquela estrela, apenas observando. Então, num ciclo qualquer, um pequeno objeto cruzou o perímetro em trajetória de escape, transmitindo o tempo inteiro.

A nave emparelhou a rota e não fez mais nada. O protocolo era claro, não se toca num animal que ainda pode gritar. Esperaram o sinal enfraquecer com a morte lenta do plutônio, esperaram o silêncio se confirmar por décadas, e só então recolheram o objeto, no escuro entre as estrelas, sem testemunhas. A viagem de volta para casa consumiu o resto do tempo. E agora, a coisa pendia no hangar, e a comissão discutia o que ela era e o que fazer.

O general quis saber, pela terceira vez em três sessões seguidas, se podia ser uma arma. A engenheira-chefe respondeu que sim, da mesma forma que uma pedra pode ser uma arma. Não havia carga, nem propulsão ativa, nem qualquer componente inteligente capaz de tomar uma decisão. Somente instrumentos de medição, uma câmera e transmissores, todos inoperantes. E havia também o disco.

Ele estava preso à face externa, sob uma capa de alumínio que o vácuo preservava quase intacta. Dentro, havia um disco de cobre banhado a ouro, do tamanho de um prato cerimonial, acompanhado de uma agulha de leitura. Na capa, diagramas gravados de

forma analógica, mostrando um mecanismo girando, a velocidade de rotação expressa em múltiplos de um intervalo fundamental, e esse intervalo definido pela transição hiperfina do átomo de hidrogênio. Já na primeira noite, a decifradora apontou para os diagramas e disse a frase que seria depois citada em todos os relatórios: quem constrói algo assim quer ser entendido.

O disco continha sons. Vieram primeiro os registros ambientais, como descargas elétricas, água em movimento, vento sobre vegetação, e um ritmo duplo e úmido que a equipe biomédica identificou como a bomba circulatória de um organismo de grande porte.

Depois vieram as vozes. Cinquenta e cinco padrões vocais distintos. A análise fonética confirmou línguas diferentes, muitas sem parentesco entre si, algumas tonais, outras não. A conclusão óbvia que não agradou a ninguém no comando era a de que a espécie remetente não era unificada. Cinquenta e cinco línguas numa única mensagem indicava um mundo fragmentado em culturas que nem se entendiam entre si, e que mesmo assim tinham concordado em falar juntas em direção à escuridão do espaço.

Por fim, a música... A palavra não existia nos protocolos, e foi preciso criá-la. Eram sequências sonoras organizadas em razões de frequência simples, sobrepostas em camadas que se respondiam segundo regras internas. A matemática reconheceu aquilo quase como um teorema, executado por instrumentos físicos com todas as suas imperfeições. Uma das peças entrelaçava três melodias independentes, cada uma perseguindo as outras sem nunca colidir. A decifradora ouviu aquilo dezessete vezes na mesma noite, e não relatou isso a ninguém. Nem ela mesma saberia explicar o motivo.

Na porção final da gravação, havia imagens, codificadas em linhas de varredura. O círculo de calibração saiu perfeito na primeira tentativa, o que arrancou da sala de análise um silêncio perturbador. Depois vieram, em ordem: o diagrama do sistema de origem, o espectro de luz da estrela, uma molécula em dupla hélice com seu alfabeto de quatro bases, e então os construtores.

Eles eram bípedes, com simetria bilateral estrita, quatro membros, a cabeça concentrando os órgãos sensoriais. Tinham apenas dois olhos, o que talvez explicasse a obsessão da mensagem com pares. Uma das figuras mostrava um casal da espécie, e a fêmea trazia um segundo organismo dentro dela, desenhado por transparência. Vários na sala interpretaram como parasitismo, mas a bióloga-sênior os corrigiu rapidamente. Gestação interna. Eles tinham enviado ao espaço, gravado em ouro, o desenho de como nasciam. Depois, seguiam-se imagens de multidões, de estruturas verticais junto a mares, de campos cultivados em geometria regular, e de uma criatura oceânica maior que a própria sonda, fotografada no ato de saltar para fora da água sem nenhuma finalidade aparente.

Na capa do disco, ao lado das instruções de leitura, havia ainda um mapa, com catorze linhas partindo de um ponto comum, cada uma marcada com o período de rotação de um farol estelar. A astrometria confirmou em poucas horas o que todos já sabiam, porque a

nave-sentinela tinha visto o objeto sair de casa. Mas o simples fato de aquela espécie ter impresso o próprio endereço na capa dizia muito sobre ela. O vazamento de sinais de rádio ainda podia ser lido como descuido. Mas aquilo ali era uma assinatura que indicava intencionalidade.

O comandante deixou a sala digerir as informações, e então fez a pergunta que realmente importava: com que velocidade estavam evoluindo.

A resposta estava nos próprios arquivos de vigilância. Entre o primeiro sinal de rádio registrado e o lançamento daquele artefato em velocidade de escape estelar, tinha-se passado menos de um século local. Um século entre aprender a gritar e aprender a arremessar. A curva de projeção apareceu sobre a mesa e era assustadora.

O general propôs o procedimento clássico: lançar uma massa inerte acelerada a uma fração da velocidade da luz, mirada na estrela deles, para destruir todo o sistema num único gesto. O debate não se estendeu muito e a proposta morreu na mesa. Um projétil relativístico não viaja em silêncio, atravessa o meio interestelar deixando um rastro de radiação que viaja à frente dele na velocidade da luz, e qualquer rede de detecção madura enxerga com anos de antecedência. E o dossiê descrevia uma espécie que evoluía de forma exponencial. Nos mais de duzentos anos de voo do projétil, eles teriam olhos de sobra para ver a lança vindo sobre eles, e tempo de sobra para elaborar uma defesa ou, pior, se espalharem pelo universo. A curva de evolução projetada indicava sementes fora do sistema de origem muito antes do impacto. O manual classificava esse desfecho como o pior possível: destruir uma espécie pela metade e entregar ao universo uma espécie silenciosa, dispersa e em luto, e que agora sabe de onde veio o ataque.

O comandante deu a solução. Contra o que cresce de forma desenfreada, não se atira. Responde-se à saudação.

A arma aprovada por unanimidade não pesava nada e viajaria na velocidade da luz. Informação. Enviariam uma resposta, calorosa, formulada nos padrões estéticos do próprio remetente, e verdadeira do primeiro ao último dígito. Essa era a exigência central do manual para aquelas situações, não haver mentiras, porque elas podem ser facilmente descobertas. O pacote de informações continha física real, explicando o caminho completo para converter matéria em energia sem resíduo, modesto nas primeiras páginas, monumental nas últimas. Cada etapa era verificável. Cada protótipo funcionaria, e funcionaria bem, e cada sucesso compraria confiança para a etapa seguinte. O que o pacote omitia era uma única propriedade do processo, invisível em qualquer escala de teste, conhecida por eles porque em algum ponto remoto do passado alguém aprendeu da pior maneira... Acima de um limiar de operação contínua, a conversão de matéria deixa de distinguir o que é combustível do que é o próprio recipiente, num processo impossível de interromper, que consome o próprio reator, depois a crosta do planeta, até desaparecer o planeta inteiro que o abriga. E como nenhuma civilização em expansão recusa a melhor fonte de energia, eles mesmos a copiariam para cada colônia, ensinariam em cada escola, por onde quer que se espalhassem. O alvo carregaria o fogo na própria bagagem, sem perceber.

A única defesa concebível contra essa arma seria desconfiar de um conhecimento verdadeiro. Mas eles tinham pendurado do lado de fora da nave deles, gravado em ouro, o tamanho da vontade de receber uma resposta.

A sessão se encerrou então, e a solução foi registrada. Extinção por autoconstrução, em todos os assentamentos presentes e futuros.

A redação da resposta coube à decifradora. Ela não recusou, voltou ao laboratório enquanto os demais entraram no turno de descanso e reproduziu a trilha das vozes mais uma vez, desde o início, com os olhos fechados, tentando escolher por onde começar.

Quase no final, havia uma voz que já tinha chamado sua atenção, aguda, veloz, terminando numa inflexão que subia como quem espera uma resposta. A análise estrutural sugeria se tratar de um exemplar juvenil da espécie, um filhote, autorizado pelos adultos a falar com o desconhecido.

Ela ouviu o trecho mais três vezes, medindo a curva de entonação, o calor exato daquela subida no final. Depois abriu o documento em branco e começou pelo mais fácil, a saudação, escrita com a inflexão que sobe, como quem espera uma resposta.